

**AURORA BOREAL (RN) – Direção: Dionízio do Apodi – O Pessoal do Tarará**

A peça gira em torno de um homem que passou a sua infância e juventude com o firme propósito de ser padre, e prestes a conseguir o intento se vê apaixonado por uma mulher, que o faz sonhar com possibilidades jamais imaginadas por ele. O personagem se vê obrigado a decidir entre ser padre ou se lançar em uma aventura amorosa. Através de metáforas, há o debate de questões que permeiam a mente do ser humano como as possibilidades de escolha e o livre arbítrio.

**CRAVO DO CANAVIAL (RN) – Direção: Carla Martins**

O espetáculo aborda o universo popular dos Brincadores de Nazaré da Mata (PE). O Maracatu Rural é o Cravo desse Canavial, remetendo aos cravos que os caboclos de Lança usam na boca durante as apresentações. Arquétipo do guerreiro, essas “figuras” do canavial defendem um território marcado historicamente pela desigualdade social, por isso o caráter de resistência presente nesta manifestação, originária na Zona da Mata de Pernambuco, onde os cortadores de cana-de-açúcar são os brincantes.

**NÃO CONHEÇO NENHUMA RAZÃO PARA AMAR SENÃO AMAR (RN) – Performers: André Bezerra e Chrystine Silva – Coletivo ES3**

A performance apresenta um novo olhar sobre um dos temas mais presentes nas artes, o amor, propondo uma ação sensível que dialoga com a linguagem do vídeo para refletir sobre o ato da promessa de amor em contextos aonde a vida e o corpo são levados ao extremo. Integra através da experiência do corpo na cena, possibilidades distintas de abertura para a reflexão do público sobre a linguagem da performance.

**CORPO PAISAGEM (RN) – Performer: André Bezerra – Coletivo ES3**

A performance propõe com sua ação pensar o corpo no espaço urbano como zona de compartilhamento e contato, centrando-se dessa maneira no espaço do encontro com outro como potência de desvio, de ser desviado, o outro como uma rua desconhecida, como uma multiplicidade de caminhos. Para tanto o performer coloca seu corpo a disposição, oferecendo uma fenda sonora de entrada na paisagem interna em constante movimento dos sons mecânicos do corpo em movimento, do corpo parado, do corpo abraçado, do corpo cansado, etc.

**DO OUTRO LADO DA CHUVA (PB) – Direção: Joht Cavalcanti – Grupo Graxa de Teatro**

O espetáculo infantil conta a história de duas crianças, cada uma em um apartamento, como tantas outras crianças protegidas por tela de proteção de seus prédios, que experimentam se comunicar uma com a outra, de maneira a fugir da solidão da cidade grande. Filhos únicos, com pouco espaço em casa, têm na figura de uma babá o elo de ligação que os unem e os permitem dividir experiências de sonho e magia, mesmo sem se conhecerem.

**UMA FLOR DE DAMA (CE) – Direção: Silvero Pereira**

O público é convidado a passar uma noite com um travesti e ver como ele vive, ver cada parte da sua noite, da sua profissão e dos seus prazeres. A proposta é que o público veja um travesti fora do preconceito imposto pela sociedade. O objetivo é encará-lo como ser humano que também luta por amor e vida, além de questionar assuntos como HIV, política, preconceito, sociedade e escolhas. O espetáculo traz como linguagem cênica a utilização da estética do cinema, como se o público assistisse a um filme ao vivo.

**ANFÍBIOS (BA) – Performer: Ricardo Alvarenga**

De forma subjetiva, o solo aciona questões relativas à temporalidade do homem moderno e suas relações com a natureza, a cultura e os artifícios, colocando em cena um corpo homem e um corpo peixe em analogia, numa dramaturgia que problematiza o ser vivo como ser vasto. Anfíbios é neste trabalho uma chave conceitual que referencia o “entre”, o que não está dado visualmente, mas que é afirmado no título do trabalho. O entre evolutivo – entre peixe e homem, anfíbios é o ser de duas vidas, terra e água.

**SIRVA-SE (BA) – Performer: Olga Lamas**

A performance lida com o risco e o acaso do momento presente, através da relação silenciosa que a artista estabelece com o espaço, com o tempo e, principalmente, com o modo como o público se relaciona com o acontecimento, sucumbindo ou não à polifonia do ambiente. Esta é uma ação que, entre outros fatores, questiona a relação que temos com o silêncio da contemporaneidade.

**ANÁGUAS (PB) – Direção: José Maciel – Cia Oxente de Teatro**

O texto inédito, assinado por Lourdes Ramalho, fala do mundo subjetivo de uma mãe e duas filhas envolvendo conflitos familiares. Questões como incesto, abuso sexual e prostituição são tratados dentro do contexto familiar. O espetáculo revela um Nordeste desconhecido, aquilo que habita a fogueira subterrânea das relações familiares. Anáguas evoca a crueldade da existência, tal como monólogo de uma sombra na fala de cada uma das mulheres em cena.

**AQUILO QUE MEU OLHAR GUARDOU PARA VOCÊ (PE) – Direção: Grupo Magiluth e Luiz Fernando Marques - Grupo Magiluth**

A peça nasceu de uma experiência do olhar, tendo sido criada a partir de fotos, imagens, vídeos e observação da cidade de Brasília. Radicaliza a experiência teatral naquilo que ela tem de encontro jogo e efemeridade. Dando a plateia não mais um papel passivo e protegido em sua penumbra e sim um papel ativo e propositivo mediante aquilo que ela encontra. Além de claro, levantar uma reflexão mais que oportuna sobre a cidade em que vivemos e mais, poder se enxergar a partir do ponto de vista de um estrangeiro e assim se reconhecer, se estranhar, se surpreender para enfim se revelar.

**SOBRE TODAS AS COISAS (RN) – Direção: Anderson Leão – Cia Gira Dança**

O espetáculo instiga a discussão sobre a condição humana e suas fragilidades. Busca-se entender quando podemos dizer que somos normais ou não? O que é normal? O que é anormal? Como conviver naturalmente com o diferente? A condição física é um mero detalhe e a condição mental é o que muda o homem e o mantém em circunstâncias de alterar o que lhe parece trágico e frágil. Não existe o frágil, existe um meio que fragiliza o outro (o ser).

**MAMULENGO JOÃO REDONDO (RN) – Os Herdeiros de Chico Daniel**

O mais ilustre representante do ramo do mamulengo, denominado João Redondo, gênero que floresceu no Rio Grande do Norte. No espetáculo, os mestres Josivan e Daniel, filhos do finado Chico Daniel, são os reis da sutileza, dela se valendo para impregnar suas funções de caudaloso improviso, insinuações e maledicências as mais engraçadas. Os mestres fazem todos mergulharem no mundo metafórico do mamulengo.

**ESTAÇÃO DOS CONTOS (RN) – Direção: Rogério Ferraz – Grupo Estação de Teatro**

Projeto de contação de histórias que envolve músicas e brincadeiras infantis contadas de forma lúdica e bem humorada buscando atingir o imaginário popular. As histórias escolhidas, retiradas do universo popular, ganham uma nova roupagem com a música composta especialmente para elas intercalando o texto. O espetáculo também preza pelo envolvimento com a plateia que é convidada a participar diversas vezes durante a apresentação, compondo as brincadeiras e a própria história.

**TODO AVENTAL (RN) – Direção: Alex Cordeiro – Bololô Cia Cênica**

Em um lugar embalado pelo tempo e pelas lembranças dos que partiram, convivem enrolados em um amontoado de memórias, quatro indivíduos ligados pelo desejo de ter um formato de vida que contemple a necessidade de afeto mútuo e compreensão, qualidades defendidas nas famílias tradicionais. O espetáculo expõe com sutileza a poesia e a vida das pessoas que imprimem no corpo um lugar comum para se viver, o seu lugar.

**O BREU DA CAÇUPEMBA (AL) – Direção: Eris Maximiniano – Cia Fulanos Ih! Sicranos**

O que acontece quando o poder público de uma cidade decide fechar a única biblioteca pública existente para instalar em seu local um cabaré, por ser este mais lucrativo aos cofres públicos? Partindo deste mote fictício de Anderson Fidelis, a Cia Fulanos Ih! Sicranos ao público O Breu da Caçupemba. Um espetáculo dinâmico onde realidade e imaginário popular são mesclados numa representação cênica recheada de musicalidade.

**O SERTÃO SOU EU (RN) – Direção: Dionlenes Dias – Cia de Dança Art'facto**

O espetáculo usa como referência, “inspiração livre”, o conto de Guimarães Rosa que narra a história de grandes batalhas no sertão, a luta de um povo simples, mas com grande riqueza de significados e sentimentos que chegam a confundir, inebriar aqueles que se aventuram em conhecer a história. O jeito simples da vida no sertão é transportado para o palco através da dança.

**SEM PALAVRAS (RN) – Direção: Dionízio do Apodi – O Pessoal do Tarará**

O espetáculo não dispõe de um texto escrito, mas de um texto apropriado pelo ator, que se dá pela via corporal, com o palco vazio. É deste vazio, desta pobreza de elementos cênicos, que nasce um teatro rico, a partir do corpo do ator. Durante o espetáculo, o roteiro que os autores cumprem levam o público a criar a sua própria dramaturgia, à medida em que as cenas acontecem.

**TRATADOS DO CORPO ESCAVADO (RN) – Performer: André Bezerra – Coletivo ES3**

A performance traz para o público uma reflexão sobre o corpo nordestino, o corpo potiguar, colocando-os em dúvida e pensando a ideia de tradição sob outra perspectiva, resignificando na ação que propõe objetos atrelados ao imaginário das paisagens e casas nesses territórios. É uma desconstrução do conceito de nordestino, propondo um questionamento dessa identidade resguardada por essa nomenclatura.

